

UFPB

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CAMPUS V - CAJAZEIRAS - PB.
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E LETRAS

Pedagogia



"Quem sabe, ensina quem não sabe," é preciso que quem sabe saiba sobretudo que "ninguém sabe tudo e que ninguém ignora tudo."

(Paulo Freire)

RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
NO ENSINO DE _____ E _____ GRÁUS

HABILITAÇÃO: *Supervisão Escolar*

LOCAL DO ESTÁGIO:

Grupo Escolar "Dr. Ferreira Júnior"

ANO: *1985*

PERÍODO: *VII*

ESTAGIÁRIAS:

Francisca Alves Fernandes

(Maria Goxete Araújo de Sousa)

"Quem não pode realizar grandes coisas, deve lembrar-se de que pode mostrar-se grande nas pequenas coisas que faz".

"Educar e Educarmos implica uma libertação interior e um compromisso criador diante dos outros e do mundo".

"Educar não é adotar um método pedagógico: É adotar um estímulo de vida, é buscar a plenitude do homem".

A G R A D E C I M E N T O

- A DEUS por ter me enviado força, paciência e sabedoria para ajudar-me na concretização do meu trabalho, os meus mais sinceros agradecimentos.

Aos meus pais que souberam compreender-me nos momentos difíceis e dar-me força quando preciso, minha sempre gratidão.

A minha grande amiga GORETE e porque não dizer irmã! Pelo muito que me proporcionou nesta árdua e valorosa caminhada e pelo mais que quize retribuir-lhe, do cunho mais profundo do meu eu: muito obrigada!

A minha tia EDILEUSA FERREIRA DE LIMA, que muito contribuiu e guiou-me neste caminho percorrido e vitorioso, o meu sempre apreço.

Aos que fazem a Escola: GRUPO ESCOLAR DR. FERREIRA JÚNIOR pela compreensão e apoio que nos foi oferecido durante a realização do nosso estágio; nosso muito obrigada.

As crianças do Grupo Escolar Dr. Ferreira Júnior e a comunidade do Bairro Por do Sol, que foram a razão maior do nosso trabalho.

A Raimunda de Fátima Neves, Professora Orientadora e demais equipe do estágio os nossos agradecimentos pela confiança em nós depositada.

Aos amigos que serviram-me de guia no caminho e que deram-me suas mãos quando caí, meu cordial obrigada.

Aos Colegas que direto ou indiretamente contribuíram na vitória de minha longa batalha, meus sinceros agradecimentos.

S U M Á R I O

1. IDENTIFICAÇÃO
2. APRESENTAÇÃO
3. INTRODUÇÃO
4. DESENVOLVIMENTO
5. CONCLUSÃO
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
7. ANEXOS
 - 7.1 - Plano de Ação
 - 7.2 - Projeto Implantação do Círculo de Pais e Mestres
 - 7.3 - Projeto Implantação da Sala de Leitura
 - 7.4 - Pautas de Reuniões
 - 7.5 - Questionários
 - 7.6 - Atividades Pedagógicas
 - 7.7 - Textos

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E LETRAS
CURSO - PEDAGOGIA
HABILITAÇÃO - SUPERVISÃO ESCOLAR
PROFESSORA ORIENTADORA - RAIMUNDA DE FÁTIMA NEVES DA SILVA

ALUNA: Francisca Alves Fernandes
FRANCISCA ALVES FERNANDES

Cajazeiras, 17 de dezembro de 1985.

UNIDADE DE ESTÁGIO:

GRUPO ESCOLAR Dr. FERREIRA JÚNIOR

Bairro Por do Sol - Cajazeiras - Pb.

A P R E S E N T A Ç Ã O

Como estudante do Curso de Pedagogia, VII período, Supervisão Escolar do Campus V - Cajazeiras, Pb, apresentamos este documento que tem por finalidade expor as atividades realizadas no Grupo Escolar Dr. Ferreira Júnior, durante o estágio supervisionado.

Foram vivenciadas atividades pedagógicas, assim adquirindo experiências que irão subsidiar para uma melhor atuação e aprendizagem no Campo da Educação.

I N T R O D U Ç Ã O

Diante da complexidade dos problemas enfrentados pela escola e que na medida do possível procurarmos conhecê-los, porém para conhecer é necessário o esforço voluntário, que se tenham uma noção do campo de observação e ao mesmo tempo o campo de atuação. E foi na busca de conhecer e melhor ainda de participar e atuar que iniciamos o estágio propriamente dito, na âncora de aplicar os conhecimentos adquiridos que nos foi fornecido durante o nosso percurso na Universidade, tendo em vista buscar as alternativas de solução para as dificuldades constatadas na escola.

D E S E N V O L V I M E N T O

A nossa educação através do sistema educacional compete (a) uma série de contradições quando separa o inseparável. Isto é, separa a prática da teoria, o ensinar do 'aprender, como se fosse possível ensinar sem educar e educar sem ensinar, é nesse momento que os rumos da educação começam a serem discutidos, no instante que os homens buscam a sua prática de liberdade, através de uma ação educativa, conscientizadora, voltada para o educando condizente com a realidade onde está inserido.

Foi com este pensamento que iniciou-se as atividades do estágio propriamente dito, ensinando-(lhes) e ao mesmo tempo aprendendo, pois a teoria está em nossa mente e a prática pertence aqueles que realizam a ação.

O primeiro passo foi um contato direto com a administradora e professores sobre o nosso plano de ação traçado no pré-estágio, como objetivo de sanar parcialmente os problemas da comunidade escolar.

Dando continuidade as atividades foi feito ' uma discussão com os alunos e pais de alunos sobre o evento' dia "D" Debate Nacional sobre a Educação, onde tiveram oportunidade de refletir sobre a escola que temos e a escola que queremos e ao mesmo tempo conscientizando-os de que a escola não se faz apenas com professores e alunos e que a comunidade também contribui para que esta se desenvolva, sendo a única escola Municipal a se mobilizar sobre este dia.

Seguindo a linha de trabalho proposta por nós estagiárias, convocamos a administradora, professores e pais de alunos a uma reunião de caráter pedagógico, na qual deba-

temos os problemas existentes na escola, ao mesmo tempo falamos sobre o plano a ser desenvolvido, tendo em vista a necessidade da aproximação da família na escola.

Acolhidos pela administradora e professores planejamos o dia das crianças. Foi dada oportunidade às crianças para que as mesmas desenvolvessem atividades, fazendo com que todas sentissem que eram capazes de fazer alguma coisa, incluindo aulas recreativas, descobrindo a importância da recreação na sala de aula. A festinha realizou-se no dia (11 de outubro) constando de apresentação de poesias, músicas, jogral, peça teatral, danças, brincadeiras através de técnica de recreação, finalizando com a distribuição de merenda e lembrancinhas a todas as crianças, confeccionadas pelas estagiárias e a equipe da escola. Independente das apresentações e distribuição de lembranças e merenda foram realizadas brincadeiras competitivas, seguindo com a distribuição de brindes aos vencedores.

Simultaneamente foi-se desenvolvendo atividades com professores, diante disso surgiu a idéia de incentivarmos o hábito da leitura em nossas crianças, pensamos então em criar uma sala de leitura em nossa escola, com o objetivo de diminuir a grande defasagem existente em leitura no nosso alunado. Em cima disso fomos até a nossa orientadora e a mesma conseguiu os livros para a montagem da sala de leitura que viria beneficiar toda escola.

Após termos conseguido os livros para a implantação da sala de leitura, foi mantido um contato com a diretora e a secretária de educação do município para providenciar uma estante, para a organização da sala de leitura, após ter conseguido a estante foi aplicado um questionário com a administradora e professoras sobre a importância da

leitura, seguindo com a discussão do texto com os professores tendo como título: Leitura crítica x Leitura alienante de Moacir Gadotti.

Vale ressaltar que a sala de leitura encontra-se em funcionamento nas próprias salas de aula, visto que a escola não dispõe de um local adequado para o funcionamento da mesma.

Voltado exclusivamente para o educando resolveu-se visitar a família de uma aluna da 1ª série onde procuramos conversar com a família da mesma, com o objetivo de descobrir as causas do comportamento. Partindo daí tivemos uma conversa com a psicóloga Ilzanete Bandeira que procurou conversar com a criança, tentando descobrir as causas de tal comportamento.

A partir daí planejamos uma reunião com os pais onde houve a distribuição de convites com o intuito de avaliar o nosso trabalho.

Sabendo-se que o processo educativo abrange todos os segmentos da sociedade (disposemo-nos) ^{propomos} uma palestra sobre Educação Sexual, ministrada pelo estudante de Biologia Antonio Nilton Pinheiro e apresentação de uma peça teatral retratando as causas que podem afetar a falta de orientação da educação sexual na escola e na vida.

Baseado em tudo que foi visto, realizou-se uma reunião com a administradora escolar com o objetivo de informá-la do encerramento de nossas atividades, ficando decidido que o último contato feito com os professores era a fim de discutir e avaliar os resultados adquiridos no estágio supervisionado.

Foi realizada a reunião, para a qual elaboramos atividades como: apresentação de uma técnica intitulada DESCUBRA-SE, seguindo com o estudo de um texto: Os aspectos da avaliação. Planejou-se uma avaliação oral e escrita para a reunião do estágio supervisionado.

A propósito do que foi apresentado, fez-se necessário nossos comentários finais, propondo a colaboração dos participantes através de uma avaliação escrita.

Tudo isso que relatou-se, resume-se no período estágio, o qual foi desenvolvido com grande dedicação, com a certeza de que contribuimos de algum modo para o melhoramento de nossa educação. Cientes de que educar não é somente instruir, posicionar-se é tudo isto, e mais, vivência e participação dia-a-dia, encerrando-se assim as atividades referentes ao estágio 85.2

C O N C L U S Ã O

É inegável a importância deste relatório e o muito que ele pôde contribuir para as nossas realizações futuras, ao exercermos nossa função

Depois de elaborado este relatório constatamos que a escola apresenta um bom trabalho, existindo dedicação p/ parte da diretoria, que atende a todos muito bem com sua peculiar simpatia

Na parte física a escola é pequena, mas um pouco atuante por ser bem arborizada.

Quanto a parte humana observamos que existe um bom relacionamento entre os elementos da escola, enquanto que o nível de aprendizagem apresenta-se regular.

Observando a parte material detectamos com precariedade a parte que abrange os equipamentos imobiliários.

Finalizando o estágio ^{praticou-se} (depreendeu-se) que para ser um bom profissional, não basta só a teoria, mas que se deve também vivenciar a realidade, ou seja praticar, que além de importante facilita a aprendizagem.

Diante do exposto vale ressaltar que o estágio foi válido pois a partir da vivencia, (que) (se) pode constatar o grande descaso (da) educação numa instituição escolar.

SUGESTÕES:

Diante das experiências vivenciadas por nós, serviram de estímulos para a realização do nosso trabalho, apresentamos alguns aspectos que servirão de alternativas de mudança, visando um melhor rendimento nos próximos estágios, sugerimos que:

- O estágio tenha um período suficiente para a realização das tarefas.

- os professores procurem trabalhar com os alunos individualmente, não deixando de lado a questão do trabalho em grupo, mas que procurem trabalhar individualmente, contribuindo assim para um melhor êxito no período do estágio

- Os professores procurem visitar as escolas do estágio, mas que não seja uma visita constante, orientando as estagiárias sempre que necessário se faça.

- A escolha do professor orientador seja feita pelas estagiárias

- A apresentação das estagiárias nas escolas, (de) fosse feita pelo próprio professor orientador, evitando assim recusa.

B I B L I O G R A F I A

Nidelcoff? María Teresa

Uma Escola para o povo 10ª Edição
editora brasiliense, 1981

GADOTTI, Moacir, Educação e Compromisso

Papirus, 1985.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos

A formação Política do professor de 1º e 2º graus
São Paulo, Cortez, 1984

A N E X O S

7.1 P L A N O D E A Ç Ã O P E D A G Ó G I C A

I - Identificação:

Plano de Ação Pedagógica Específico pa -
ra o Estágio Supervisionado de Superivisão Escolar.

Local:

Grupo Escolar Dr. ferreira Júnior

Período de Execução:

De Stembro a dezembro de 1985.

Responsabilidade:

Francisca Alves Fernandes

Maria Gorete Araujo de Souza

II -

J U S T I F I C A T I V A

Fundamentando-se na importância que a integração da escola - comunidade, desempenha para o desenvolvimento dos indivíduos e para renovação dos valores da sociedade, bem como a afirmação da escola que por sua função social, pode constituir-se no centro dinâmico de vida comunitária, resolvemos tentar implantar na escola o Círculo de Pais e Mestres.

III -

O B J E T I V O S

O Círculo de Pais e Mestres representa para a escola o órgão de assessoria de maior importância, pois é através de um trabalho conjunto e integrado, que a escola e família, responsáveis pela formação do indivíduo, tem condições de dialogar, discutir problemas, encontrar soluções e traçarem diretrizes de ação conjunta.

IV -

PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES

- Reunião para mobilização de grupos de trabalho;
- Reunião para elaboração do Projeto
- Seminários, debates, palestras direcionadas para o desenvolvimento de uma consciência crítica do que seja educar participando.

METODOLOGIA

Utilização de técnicas que levaram os participantes a discutirem problemas de ordem geral e suas respectivas soluções.

J U S T I F I C A T I V A

Não podemos conceber a escola desvinculada da sua existência objetiva na comunidade. Daí emerge a necessidade de uma urgente integração da escola com a família sabendo-se que esta se mostra distante e desintegrada da educação de seus filhos, foi tomando como ponto de partida essa necessidade que resolvemos tentar implantar o Círculo de Pais e Mestres, na escola campo de estágio que irá atuar como forma de desenvolver todos os que formam a escola, no desenrolar de um trabalho integrado; vendo o aluno como um sajeito do processo educativo.

A integração escola - família - comunidade, poderá contribuir para o sucesso do processo educativo. Buscando assim, uma participação conjunta de todos os responsáveis pela educação.

OBJETIVO GERAL:

Integrar família - Escola - Comunidade para um melhor desenvolvimento no processo ensino - aprendizagem.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Lutar pelo melhoramento das atividades educacionais, visando o bem estar do aluno.

Integrar os pais à escola, oportunizando-os a uma participação ativa na educação de seus filhos.

Criar espaço onde a comunidade escolar possa discutir os diversos problemas da escola e da educação' como um todo.

M E T O D O L O G I A

01 - Por meio de assembléias gerais mobilizar os pais e pessoas da comunidade, a fim de conhecerem e discutirem os problemas relacionados com a vida da escola, procurando assim variáveis soluções junto aos representantes da escola quanto aos rumos da educação.

02 - Organizar grupos de trabalhos para estudarem os diversos problemas, deixando informada toda a comunidade onde está inserida a escola; fazendo com que todos conheçam a realidade onde seus filhos buscam uma formação educacional.

Cajazeiras, 17 de dezembro de 1985.

ESTAGIÁRIAS

PROFESSORA ORIENTADORA DO ESTÁ
GIO

Obs: Faltou a definição do problema.

7.3. PROJETO - - - - -

GRUPO ESCOLAR MUNICIPAL DR. FERREIRA JÚNIOR

BAIRRO POR DO SOL - CAJAZEIRAS - PARAIBA

NOME DO PROJETO - Implantação da sala de leitura

NÍVEL DE COORDENAÇÃO - ESTAGIÁRIAS

NÍVEL DE PLANEJAMENTO - ESTAGIÁRIAS E PROFESSORA ORIENTADORA
DO ESTÁGIO

NÍVEL DE EXECUÇÃO - ESTAGIÁRIAS E PROFESSORAS DE ESCOLA

J U S T I F I C A T I V A

Considerando a grande defasagem em leitura no corpo docente da escola, sentimos a necessidade da implantação de uma sala de leitura que proporcionasse ao aluno diversos níveis de leitura e pesquisa, viasando seu aprimoramento intelectual.

Resolvemos então elaborar o Projeto que se destina a implantação da sala de leitura, que servirá de estímulo para os alunos e para aqueles que acharem importante e se interessem pelo seu funcionamento.

Procuraremos desenvolver nosso trabalho de forma que envolva toda comunidade escolar, visando um aprimoramento no rendimento do processo educativo, contribuindo assim para melhor qualidade do ensino.

OBJETIVO GERAL:

Criar condições que despertem no aluno o gosto e interesse pela leitura e pesquisa, considerando-as como fonte de formações e recreação.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Promover atividades que despertem na criança o hábito da leitura e da interpretação;

Propiciar ao aluno o desenvolvimento intelectual, afetivo e emocional;

Desenvolver na criança a formação de hábitos para o trabalho em grupo;

Oportunizar o aluno o desenvolvimento da criatividade.

M E T O D O L O G I A

01 - Realizar atividades envolvendo todo o corpo docente durante o ano letivo de 1986, com dramatização.

02 - Promover a hora da leitura com interpretação na sala de aula semanalmente.

Cajazeiras, 17 de dezembro de 1985.

Francisca Alves Fernandes

ESTAGIARIAS

PROFESSORA ORIENTADORA DO ESTÁGIO

Obs: Faltou a definição do problema.

PAUTA DA REUNIÃO DO DIA 17/09/1985

1. Objetivos:

- Fazer com que os pais sintam a importância de sua presença na Escola.
- Falar sobre a mobilização do dia "D" Debate Nacional sobre Educação.

2. Atividades:

- aplicação de uma técnica
- conversa informal
- avaliação oral

3. Metodologia:

- técnica conversa a dois
- discussão e questionamentos
- opinião dos participantes

4. Elementos Participantes:

- Estagiárias
- Administradora Escolar
- Pais
- Alunos

Cajazeiras, 17 de setembro de 1985.

Equipe Responsável: Estagiárias.

Maria Gorete Arapujo de Souza

Francisca Alves Fernandes

PAUTA DA REUNIÃO DIA 29/09/85

1. Objetivos:

- Sensibilizar a comunidade sobre a importância da Integração da família - escola - comunidade.

2. Atividades:

- Conversa informal
- aplicação de uma técnica
- avaliação oral

3. Metodologia:

Técnica Cadeira vazia
Questionamentos
discussão circular

4. Elementos participantes:

Diretor
Professores
Pais

5. Equipe Responsável: Estagiárias,

Maria Gorete Araujo de Souza
Francisca Alves Fernandes

PAUTA DE REUNÃO

Local: Grupo Escolar Dr. Ferreira Júnior

Data: 16/11/85

Hora: 14:00h

1. Objetivos:

Detectar as dificuldades que acarretam o baixo rendimento escolar.

Mostrar a importância da participação dos pais na vida escolar da criança.

Integrar os pais a comunidade escolar.

2. Atividades:

Questionamentos referente ao ensino - aprendizagem.

Conversa informal sobre:

- A importância do acompanhamento dos pais na vida escolar da criança.
- O ensino - aprendizagem na escolar

3. Elementos Participantes:

- Estagiárias
- Administradora
- Pais
- Professores

Cajazeiras, 10 de novembro de 1985.

Estagiárias: Maria Gorete Araújo de Sousa

Francisca Alves da Silva

PAUTA DA REUNIÃO DO DIA 01/12/85

1. Objetivos:

Discutir com os pais sobre a questão das
(APMs) Associação de Pais e Mestres

Determinar uma forma de continuar as reuniões de Pais e Mestres na escola.

2. Atividades:

- Conversa informal sobre a importância das APMs
- Discussão sobre a importância do acompanhamento dos pais na vida escolar da criança
- avaliação oral

3. Metodologia:

Discussão em plenária
opinião dos participantes

4. Elementos participantes:

Estagiárias
Pais
Administrador escolar
Professores

Cajazeiras, 01 de dezembro de 1985.

5. EQUIPE RESPONSÁVEL: ESTAGIÁRIAS

Maria Gorete Araujo de Souza
Francisca Alves Fernandes

C O N V I T E

Convidamos os senhores pais a se fazerem
presentes a uma reuni~ao que, realizar-se-á no dia _____
de dezembro de 1985 ás 14 horas, quando faremos uma pales+
tra para tratar de assuntos de interesse de todos.

Sua presença é impprtante,

Atenciosamente,

PAUTA DA PALESTRA SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

DATA: 04/12/85

1. Objetivos:

- Discutir com os pais sobre educação sexual, mostrando a importância da orientação na infância.
- Sensibilizar os pais da importância do acompanhamento e orientação no processo de desenvolvimento da criança.

2. Atividades:

- Técnica
- Conversa informal
- explanação do assunto através de material
- avaliação oral

3. Metodologia:

Esquete teatral sobre orientação na educação sexual

Aula expositiva sobre o tema
Discussão e questionamentos
Opinião dos participantes

4. Elementos Participantes:

Estagiárias
Administradora Escolar
Professores
Pais

Cajazeiras, 04 de dezembro de 85.

Equipe Responsável

Estagiárias: Maria Gorete Araújo de Sousa

Francisca Alves Fernandes

PAUTA DA REUNIÃO

Local: Grupo Escolar Dr. Ferreira Júnior

Data: 06/12/85

Hora: 14:00h

1. Objetivos:

- Discutir junto aos professores aspectos de avaliação quantitativa e qualitativa
- Avaliar os resultados adquiridos no estágio supervisionado

2. Atividades:

Conversa informal sobre a reunião
Apresentação de uma técnica
Reflexão sobre a importância da técnica
Leitura de um texto (avaliação)
Discussão do texto
Agradecimento das estagiárias

3. Elementos Participantes:

Estagiárias
Administradora Escolar
Professores

Cajazeiras, 06 de dezembro de 1985.

Equipe Responsável:

Estagiárias: Maria Gorete Araújo de Sousa
Francisca Alves da Silva

7.5 Q U E S T I O N Á R I O

1 - Pra você o que é leitura?

R : É a arte de ler, ou seja, tudo aquilo que se lê com atenção

Leitura é a compreensão de mensagens escritas , delas transmitimos o que sentimos o que vemos e pensamos.

Para mim leitura é, pegar qualquer tipo de coisa aimm' e ler com atenção procurando entender, a fim de que saiba' o que está lendo. Ler só por ler, não é uma leitura.

Leitura é um dos pontos mais importantes dentro da sala de aula

É um dos mais importantes meios de comunicação, em suma a leitura é compreensão, é recreação, é aplicação das idéias adquiridas, é um dos agentes responsáveis pela modificação do comportamento humano.

2 - Qual a importância da leitura no ensino da 1ª fase do 1º grau?

R: A importância da leitura está, vinculada as emoções que desperta as atitudes que forma, as modificações que imprime a personalidade, refletem influências de livros, jornais e revistas.

A leitura no ensino da 1ª fase do 1º grau vai fazer com que esse aluno se interesse em aprender a ler.

É importante, porque aí a criança já começa enriquecer o vocabulário, como também estimula a leitura, afinal o brasileiro é taxado de preguiçoso na leitura

Usando eficientemente como meio de aprendizagem.

É importante porque leva a criança a despertar o hábito , interesse e gosto pela leitura.

3 - Como encaminhar a leitura aos alunos da 1ª fase?

A leitura aos alunos da 1ª fase deve ser en caminhada com muita motivação, entusiasmo e criatividade.

O aluno deve está preparado para a aprendizagem, da leitura.

Incentivando-os esclarecendo-os que é através da leitura que se aprende muita coisa a ausência poderá fazer muita falta, no desempenho da vida de uma pessoa.

Criando uma sala de leitura

Devemos encaminhar através da identificação e compreensão: Ex: quando vemos bola, sabemos que é bola e não barco. Mostrando a configuração do sinal impresso, e ao mesmo tempo, a interpretação do que significa.

4 - Como motivar a criança para a leitura?

A professora deve ajustar-se às necessidades dos alunos, as atividades, ao interesse do aluno, tornando-o ativo e feliz em todos os estágios da leitura.

Colocando na sala de leitura histórias importantes para que esses alunos se interesse pela leitura, através de livros ilustrados, assim elas ficam incentivadas.

Na primeira série o aluno aprende a ler e escrever palavras formadas por sílabas

Com muita criatividade e preparação para que a criança descubra e sintam-se estimulada para a leitura.

5 - Você acha importante a preparação para despertar na criança o interesse pela leitura ?

Sim, pois havendo uma preparação a criança sentirá a importância de leitura em sua vida.

É muito importante

É de suma importância

Sim, pois através da leitura a criança aprende a falar uma linguagem mais correta.

6 - Como devemos preparar as crianças? Dê opinião.

De maneira informal. Narrando fatos, com apresentação de gravuras, de cartazes, palavras, usando quadro de giz etc.

Lendo com as crianças para que os alunos se interessem e le com seu próprio esforço

Devemos fazer uma preparação com leitura silenciosa e após colocando interpretação do texto.

Incentivação e preparação de palavras novas Explicando que a leitura é importante, levando-as a lê sempre na sala de aula.

7 - Você costuma fazer leitura com suas crianças?

Sim,

8 - Que tipo de leitura? e qual a metodologia aplicada?

Oral, em grupo e individual. Fazendo apresentação de pequenos textos, apresentação de gravuras, cartazes, frases palavras, convites, etc.

Leitura informativa, que desperte o interesse nos alunos, primeiro faço uma exposição da leitura, depois solicito que eles façam a leitura.

Leitura oral, escrita e individual

9 - Quais as dificuldades encontradas no estudo e no ensino da leitura?

Deficiência na preparação, falta de recursos materiais, falta de acompanhamento e orientação por parte dos pais.

leitura fora da realidade causa desinteresse na turma.

Falta de preparação na alfabetização

10 - Você acha importante a criação da sala de leitura?

Por que?

Sim, porque mais um motivo para se fazer leitura com os alunos

Sim, porque proporcionará recursos materiais e espaço para essa atividade.

Sim, porque o ensino da leitura é um proceso contínuo e seus estágios não decorrem de medidas escolares ou de introdução, surgem da própria maturidade da criança que aprende sucessivas lições de hábitos, atitudes e habilidades.

11 - Em que a sala de leitura poderá beneficiar a você ' ' professor e conseqüentemente aos alunos?

No incentivo pela leitura, no enriquecimen-
to de linguagem oral e escrita, na percepção visual, na compreensão dos textos.

Ao professor beneficia no que diz respeito a ortografia correta, o aluno terá possibilidade de fazer uma leitura mais rápida, porque enriquece seu vocabulário e habitua-se a lê.

12 - Como nós estagiárias podemos contribuir para um maior rendimento no campo da leitura?

Incentivando os alunos e nós professores, t
trazendo novidades e acompanhando passo a passo a leitura.

Trabalho com os professores, levando a criança a lê.

indicando os objetivos e os meios de alcan-
ça-los

T É C N I C A

DESCUBRA-SE

01. Quando eu entro num grupo novo, eu _____

02. Quando as pessoas me observam trabalhando, sinto _____

03. Quando no meu trabalho, as pessoas ficam silenciosas, eu me sinto _____

04. Sinto-me mais a vontade no grupo, quando _____

05. Sinto-me mais produtivo no grupo, quando _____

06. A maior chateação que sinto é _____
07. Num grupo tenho mais medo de _____
08. Sinto-me mais unido com os outros quando _____
09. O melhor modo de medir o sucesso dos outros é _____
10. Qualquer um trabalhara muito, se _____
11. Nada mais frustra mais do que _____
12. Eu perdi _____
13. Houve tempo em que eu _____
14. É importante _____
15. Toda vez que escuto falar de _____
16. Acredito que a nossa equipe precisa _____
17. Para mim o trabalho é _____

CARTAZES DO DIA DAS CRIANÇAS

"Que mundo você está preparando para mim?"

"Ensinaí a criança o caminho que ela deve seguir, que mesmo crescendo ela nunca se desviará dele".

12 de outubro DIA DA CRIANÇA

1º Ato (Cenário um jardim)

(Pedro armado de um pau, -chama Maria)

Pedro - Maria! Maria! você vem ou não vem? (anda pelo palco, furioso)

- Maria! Ó Maria!... (chega Maria sua mulher tremendo de medo.)

MARIA - Pronto. Aqui estou... aqui estou...

Pedro - Onde é que você andava, mulher? Na horta, tagarelando com as comadres faladeiras como você. Venha' aqui que lhe mostro o que é desobedecer ao marido. (com um pau, Pedro bate em Maria)

MARIA - Ui...Ui...Ui... Deixe estar, malvado, que eu me vingarei. Hoje mesmo eu me vingarei. (sai resmungando)

Pedro - E agora irei á floresta arranjar pau mais forte. Esse está ficando muito usado. (sai)

(Entra o mensageiro do rei procurando alguém)

MENSAGEIRO - Ó de casa! Não há ninguém aqui? (Maria arrisca a cabeça)

MARIA - O que é que o senhor deseja?

MENSAGEIRO - Saber se este caminho vai até a cidade.

MARIA - Bem... é sim. É o caminho. Mas por que o senhor quer ir até a cidade? (ela aparece) fazer o quê?

MENS. - Você quer mesmo saber? (Confidencial)

Pois vou arranjar um médico para a filha do rei.

MARIA - Um médico para a filha do rei? coitada... Ela estar doente?

MENS. - Muito doente. Estar com uma espinha de peixe atravessada no gogó. Não pode nem beber nem comer!

MARIA - (Àparte) está na hora de eu me vingar do meu marido. (alto) Senhor mensageiro, não é preciso ir a cidade.

Meu marido é um médico ótimo.

MENS; - É médico?

MARIA - É mas...

MENS.--- Mas, o quê?

MARIA = (aproximando-se dele e confidencialmente) Ele não irá se o senhor não lhe bater bastante. É uma mania...quanto mais apanha, melhor médico ele fica. É assim mesmo meu marido...

MENS. - Onde está esse homem? Quero levá-lo, vivo ou morto à presença do rei.

MARIA - Ele deve estar ali perto daquele bosque. Pode chamá-lo. O nome dele é Pedro.

MENS. - Pedro! Pedro! Pedro!... (Maria desaparece)

Pedro - Quem me chama?

MENS. - Sou eu... Venha depressa encontrar-se com o rei.

PEDRO - Com o rei por que?

MENS. - Ora! porque você é médico e o rei está precisando de um urgentemente.

PEDRO - (Furioso) que tenho eu que o rei esteja precisando de um médico? É melhor você me deixar em paz e ir buscar o raio do médico em outro lugar.

MENS. - Calma, Pedro, calma. (Aproximando-se) Sei que é preciso bater muito em você para::: (bem perto) chegou o momento... (o mensageiro começa a bater vigorosamente em Pedro. Este grita espaneia, foge, e depois torna a gritar)

PEDRO - Chega! chega! Eu vou! Eu vou...

(De vez enquanto aparece Maria e dar risadinhas)

MARIA - (Para o público) cada um por sua vez...ah...ah..

MENS. - (batendo muito) ande, Pedro...Para o Palácio do rei depressa!

2º ATO - CENÁRIO PALÁCIO DO REI

(A primeira está recostada num canto, sofrendo. O rei anda de um lado para o outro, aflitíssimo. De vez em quando pára, olha a filha e suspira)

Rei - O mensageiro está demorando muito...(torna a andar) Estou ouvindo barulho.

MENS. (falando baixo) Senhor rei, eu vos trago um famoso médico. Mas ele tem uma uja mania esquisita. Só trata os

trata os doentes quando apanha muito(neste momento a filha começa a andar, mas cai denovo)

REI - (aflito) então, pau nele, depressa!

Pedro - Mas, rei, não sei nada de medicina

Rei - Não sabe não? ah!...(para o mensageiro) bata nele..

vamos...

Pedro - Ui...Ui...Ui...(ele faz gestos, contorções, de tal maneira que a filha do rei começa a rir)

Filha - Ai, meu Deus! de tanto rir, a espinha saiu de minha garganta!

Pedro: Senhor rei, vossa filha já está boa. Agora deixe-me voltar para casa.

Rei - (Solene) ainda não. ainda não. Você merece uma boa recompensa

Pedro - (A parte) Ai, será que eles vão começar a me bater de novo? (alto) não, senhor rei. Muito obrigado. Estou muito contente de ter prestado o serviço a princesa. Agora... quero... voltar!

Rei - (Enérgico) ainda não. Mensageiro, der a este grande médico uma bolsa cheia de ouro e o acompanhe até a sua casa.

Mens. Sim, senhor.

Pedro. Muito obrigado... muito obrigado. Mas prefiro que o mensageiro não me acompanhe. Prefiro ir sozinho.(À parte) Como dei a gente apanhar! prometo nunca mais bater na Maria; (Maria aparece, abraça Pedro e sai os dois, muito contentes).

LEITURA CRÍTICA VERSUS LEITURA ALIENANTE

A leitura "está em crise", como sugere recente publicação. Isso significa, basicamente, que ela se constitui problema para os profissionais da leitura, os alfabetizadores, os professores.

Estranha essa "crise", já que a leitura, desde os primórdios da educação, foi considerada instrumento essencial do ensino e da aprendizagem, a chave para o mundo desconhecido, para muitos mundos.

Essa importância atribuída ao ato de ler, entretanto, não é sempre reconhecida. Entre nós, o exemplo, por volta dos anos XX, com o conflito entre a "escola nova" e a escola chamada "tradicional", a "lectio", método da escola tradicional, enfrenta os métodos ativos advindos através do domínio das técnicas da imagem e do som, os "audio-visuais". Ao mesmo tempo em que se faz ampla campanha pela alfabetização, a leitura deixa de ser considerada instrumento primordial na aquisição de conhecimento.

O que é importante observar é que as próprias ciências da educação (Psicologia e sociologia notadamente) é que sustentam a introdução de novos métodos, e, mais tarde, cria-se o que pode ser chamado hoje de "mito da tecnologia educacional": Televisão, computadores, máquinas de ensinar, leitoras automáticas, etc.

Não é de se estranhar, portanto, que hoje, a "leitura esteja em crise na escola". É por isso que o problema da leitura precisa ser discutido e analisado, e não apenas sob o ponto de vista da psicologia. É preciso que ele receba um tratamento histórico. Essa "crise" pode ser benéfica, na medida em que ela nos chama a atenção para um aspecto essencial da educação contemporânea. É possível até que tenhamos superestimado o papel da leitura e do livro,

e da palavra escrita. É possível até que tenhamos uma "visão mágica da palavra escrita", como nos fala Paulo Freire. É por isso que precisamos ser críticos também diante da leitura, da "electo - escrita", como alguns chamam a "leitura da palavra escrita" para diferenciá-la de outras formas de leitura.

A crise da leitura aparece, portanto, dentro de outra maior, dentro de um contexto, do contexto da escola, da crise da escola, no momento em que se buscam alternativas para a escola e na escola. Essa crise aparece também no momento (é preciso que se diga) em que se luta pelo reconhecimento do valor do trabalho naqueles que ensinam a ler e escrever, os alfabetizadores, os professores; no momento em que a profissão foi aviltada devido às péssimas condições de seu trabalho (bibliotecas, laboratórios, etc.) e à baixa remuneração salarial.

Falta ainda discutir o problema da leitura a partir desse contexto mais amplo. Provavelmente, esse "Seminário Anual de Leitura e Redação" propiciará esse debate. Não tenho encontrado trabalhos nesse sentido. Muitos autores preferem encarar o problema do ponto de vista da psicologia ou da metodologia. Por isso, insiste em abordá-lo sob o ângulo dos "distúrbios da aprendizagem", como o faz Rss, e insistem mais nas questões das "habilidades" e nas "dificuldades" de leitura, atribuindo a ela o sucesso ou fracasso escolar. Certamente, esses aspectos são relevantes, muito relevantes para a prática educacional, mais são insuficientes para explicar o sucesso ou fracasso escolar.

Foi dentro desse contexto que foi colocado o tema "Leitura Crítica Versus Leitura Alienante" para discutir nisso nessa mesa redonda.

Podemos entender essas expressões a partir de dois sentidos básicos:

1ª) "Leitura Crítica", como aquela leitura de qualquer texto que busca nele o con-texto, as raízes daquilo que fala o texto, a leitura capaz de decodificar o que o texto codificou. "A Leitura Alienante" seria, nesse primeiro sentido, aquela leitura que não se distancia do texto, mais é por ele doutrinada, catequisada, manipulada. Essa leitura pode ser chamada de leitura ingenua, portanto, superficial. Aqui o leitor se entrega ao autor, invés de dialogar com ele, numa visão mágica da palavra escrita. Nesse primeiro sentido, parte-se do leitor para o texto.

2ª) Nun segundo sentido, "Leitura crítica" é aquela leitura de textos críticos (e apenas desses), isto é, são os textos que fazem o leitor compreender (descobrir o contexto a prática, a realidade etc.), compreender radicalmente o que fala o texto. Nesse sentido, a "Leitura alienante" seria aquela leitura de textos alienantes que, ao contrário, levam o leitor a uma compreensão falsa da realidade, isto é, en-cobre o con-texto, etc. Esse segundo sentido parte do texto e não do leitor.

Essas relações, todavia, não são mecânicas.'

Os textos são carregados de ambiguidades, mesmo que seus autores tenha expressa intenção de escrever para alienar ou para conscientizar (criticar). É por isso que "mesmo com o texto muito ruim, pode-se fazer um bom trabalho", como afirma Mariza Lajolo. Existe um papel ativo do leitor, que pode superar essa ambiguidade inerente a todo texto. Na verdade, todo leitor já está presente no momento mesmo da elaboração de um texto.

Platão dizia que, ao escrever, sempre está presente o "outro" leitor. Se esse "outro" já está presente no ato de escrever, o ato de ler é um ato complementar do ato de escrever. Ler, portanto, é um ato social. A leitura'

é um ato solidário com esse outro, que é o autor. O leitor, ao ler, torna-se co-autor, interpretando, interrogando e refletindo o texto. Ao terminar o texto o autor e o leitor são a mesma coisa, já que o autor torna-se leitor do seu texto e pode também critica-lo, compreende-lo diferentemente não compreendendo, interrogar-se sobre ele, etc.

É verdade, a leitura é também um ato pessoal mas com o sentido coletivo, que se inicia com esse encontro entre autor e leitor.

Frequentemente ouvimos dizer que a leitura é um hábito solitário. Isso porque se opõe a leitura à comunicação oral sem compreender a leitura em si mesmo.

Pela leitura nos apropriamos de um certo saber e a maneira como nos apropriamos desse saber pode ser alienante. É alienante quando essa aproximação é feita de maneira isolada, solitária, individual, sem expressão, sem comunicação, apenas para satisfazer o próprio consumo, quando o outro não está presente num ato de apropriação. Na posse individual do saber não se completa o ato; o ato de ler se completa no ato de escrever e reler o contexto, isto é quando chega a modificar a prática.

Podemos concluir daí que a quase totalidade das nossas leituras escolares são alienantes (servem para apropriação individual do saber). Não se passa aí uma leitura-comunicação, uma leitura-diálogo. Ao contrário, uma leitura crítica teria enormes consequências no plano didático Pedagógico, uma "Revolução Pedagógica" tornaria a escola eminentemente (educativa) criativa, crítica, escola de "Escritores" e não de consumidores, uma escola de comunicação e de diálogo permanente.

A leitura é crítica quando conduz o leitor a mudar (revolucionar) a sua prática, assumir outra forma sua postura diante do contexto, quando ela consegue desacomodá-lo, interrogá-lo, sensibilizá-lo.

A leitura liberta ou oprime. Ela me oprime quando ela me posiciona ao que sou; me liberta quando me move de onde estou, me faz caminhar, prosseguir a caminhada na compreensão do que sou e do que me cerca. A leitura libertadora, emancipadora, nos faz sair dela diferente de quando a iniciamos.

Por outro lado, seria uma atitude ingênua e mecânica, para não dizer abstrata, tentar reduzir todas as leituras a "Leituras Críticas" ou leituras alienantes. Seria melhor talvez designar como "crítica" toda leitura guiada por um espírito crítico (interrogador, suspeitante, indagador) e, assim, não teríamos dificuldades em incluir aí leituras informativas recreativas, etc.

Atitude igualmente mecanicista manifesta também na busca desenfreada de intenções subjacentes nos textos, na tentativa, por exemplo de reduzir tudo ao ideológico.

Poderia até essa atitude ser motivada por um excesso de zelo pela criticidade. Ela eleva, porém, alguns a procurarem a luta de classes até na demonstração de uma raiz quadrada ou na leitura de uma receita de bolo. É puro sectarismo. A leitura crítica é sempre radical jamais, sectária. A superpolitização, aliás, é um fator de despolitização. Parece contraditório, mas é real. Na prática a superpolitização funciona ao contrário: repele os que teriam alguma chance de se politizar, portanto, de desenvolver sua postura crítica diante do mundo em que vive.

Os textos podem cumprir muitos papéis em função dos interesses e das necessidades dos leitores, sejam crianças ou adultos, pertencentes a esta ou aquela classe social: formar, informar, divertir, levar a pensar, refletir, conhecer o mundo e assim mesmo, organizar o pensamento, conhecer a língua, a literatura, etc., não podem ser reduzidos ao ideológico. Tudo isso faz parte do mundo da leitura. Toda essa experiência é inseparável da leitura e, assim,

são possíveis muitas leituras de um mesmo texto, feitas por leitores diferentes ou pelo mesmo leitor. Entretanto o sectarismo só consegue fazer uma leitura, porque vai ao texto com uma só perspectiva, feixando-se para outras; o texto não se faz ouvir, o leitor não é questionado por ele. Por isso, a leitura puramente ideológica é também uma leitura alienante.

A questão prática que colocamos enquanto educadores é como não sermos envolvidos pela leitura alienante e operar sempre a passagem para leitura crítica.

Parece-me que alguns desafios nesta tarefa precisam ser enfrentados:

1º) Superar a distância cultural existente entre o leitor e o texto. Na comunicação oral existem manifestações (gestos, o rosto, as mãos etc) que auxiliam na compreensão da fala. Na comunicação escrita o texto tem que bastar-se a si mesmo para se comunicar e, na verdade, esbarra com o "quadro teórico", a chamada "bagagem cultural" do leitor, o seu "currículo oculto".

Essa distância, entretanto, só será superada em grande escala quando houver a "democratização da leitura" isto é, quando o acesso à palavra escrita (e conseqüentemente a escola) for democratizada. Não existem condições de "facilitar as coisas" para o leitor. É claro isso não impede que os textos que escrevemos sejam mais claros. Mas só quando a democratização do saber, do tempo livre e do tempo do trabalho, essa distância será superada; quando as causas dessa distância forem abolidas, quando houver uma mudança radical nas próprias relações de produção, que causam também a distância econômica e social entre os homens.

Não se pode encarar a distância cultural como o fazem os idealistas e românticos, no (mal sentido) que pensam primeiro democratizar o conhecimento. O conhecimento não é, por si só motor de libertação.

2º) Será preciso ainda encararmos criticamente a questão da leitura (e também da leitura crítica.). É verdade, como afirma Regina Zilbermam, "para a criança que, enquanto não ler, depende exclusivamente da voz adulta, que decodifica o mundo ao seu redor para ela, também a aprendizagem da leitura repercute enquanto uma possibilidade de emancipação. É verdade, na medida em que cada vez maiores massas da população tiverem acesso ao saber, as massas oprimidas tornam-se um instrumento de dominação do dominador. Porém, é preciso que se diga que é uma ilusão pensar que o trabalhador, quanto mais esclarecido, mais será libertado, não deixará de ser explorado porque é esclarecido. Além do mais o conhecimento e a informação não são pressuposto para a ação libertadora.

Nesse sentido, uma leitura verdadeiramente crítica leva a fala e a ação. O ler deve expressar-se, comunicar-se através da prática e uma das práticas mais importantes é a fala. Ensinamos talvez menos a falar do que a escrever. Talvez até tenhamos nos omitido a ensinar a falar porque se lê muito pouco. É através da fala que se exigem direitos; interrogando, defendendo, gritando, até. Uma leitura crítica leva a pensar e agir.

3º) Uma leitura crítica é igualmente aquela que explora as múltiplas conexões que o texto sugere. Isso exige atenção, trabalho, escuta do texto e até extrapolação do texto. Será preciso, de vez em quando, para leitura do texto para pensar, para consultar outros textos, para dialogar, escrever, conviver com o texto, confrontar-se com ele. Uma leitura nesse sentido é sempre parcial, incompleta. É o que Paulo Freire chama de ler "carinhosamente". Eu diria "ler com paixão" não apenas gostar de ler. Só assim poderia acreditar no que um dia disse Montesquieu: "Nenhuma mágoa resiste a meia hora de leitura".

A AVALIAÇÃO E SEUS PROBLEMAS

Quando observamos os interesses dos educadores pela renovação dos métodos e recursos didáticos; podemos estender essa observação às técnicas de avaliação. Neste aspecto de seu trabalho, o professor tem à sua disposição não apenas cursos e conferências mas também uma bibliografia excelente.

Mas o problema não se limita ao fato de se poder precisar que fulano obteve uma nota "X" ou que a nota média da classe foi tal. Tais dados são valiosos para que o professor possa determinar, em grande parte, a eficácia do trabalho realizado. E, sobretudo, para saber se o curso ou classe se sentem à vontade com um tema ou programa difícil, a fim de se poder passar para outro.

Por isso, os resultados de uma prova objetiva tem significado não apenas dentro da classe mas evidentemente evidenciam uma situação social determinada. Se as provas indicam quem tem um nível aceitável de rendimento e quem não tem, revelam também como já se demonstrou no que as causas de um mau rendimento provêm em grande parte da situação econômica, social; assim, os mais baixos níveis de aproveitamento escolar coincidem com a procedência dos setores sociais menos privilegiados.

Esta afirmação tem um valor geral evidenciado pelas estatísticas. Tais dados estatísticos não ficam invalidados pelos casos particulares que não se ajustem à tendência geral e que todos nós encontramos alguma vez - por exemplo, uma garotinha de baixo nível social que tenha um alto rendimento escolar, ou vice-versa.

Mas em geral, o baixo rendimento tem raízes sociais e isso acontece diariamente diante de nossos olhos.

Tal é a realidade que se encontra por detrás do fracasso escolar das crianças de menores recursos. Será que po

demos ignorá-la no momento de fazer a avaliação? Que respostas dar nesses casos? Esta é a situação onde as opções são mais difíceis, já que a margem de ação do professor é muito estreita. Mas as possibilidades são maiores, quando se trata de métodos, forma de relacionamento com as crianças e o meio social, enfoque dos conteúdos e objetivos, possibilidades de atuar de maneira diferente do que normalmente se faz. O problema da avaliação está relacionada com a qualificação e a promoção; e a esse respeito, existem normas estritas que o professor não pode modificar, estejam ou não de acordo com elas.

Mesmo assim, é possível fazer-se diferenciações segundo o papel que se dê à avaliação, à correção e à qualificação.

O "PROFESSOR POLICIAL"

- Não percebe as raízes sociais do fracasso escolar;
- Valoriza apenas os conhecimentos
- A avaliação é considerada patrimônio exclusivo do professor.
- A avaliação é considerada como um fim em si.

O "PROFESSOR POVO"

- Avalia como um educador, não como um transmissor de informação
- Os alunos lhe interessam enquanto pessoas, não enquanto "intelectos".
- Valoriza suas atitudes, sua dedicação, seu esmero, sua responsabilidade, e não apenas a quantidade de perguntas que acertam numa prova
- Não uso os instrumentos de avaliação como meio de atemorizar e sim para desenvolver o espírito de auto-crítica e estimular a superação das dificuldades.
- Conduz o aluno e o grupo a uma perspectiva de auto-avaliação.